

**O CENTRO PARANAENSE FEMININO DE CULTURA E O TRABALHO SOCIAL DAS MULHERES
NA CIDADE DE CURITIBA (1933-1940)**
**THE PARANAENSE FEMALE CENTER OF CULTURE AND SOCIAL WORK OF WOMEN IN THE
CITY OF CURITIBA (1933-1940)**

Wilma Lara Bueno¹

RESUMO

Nas primeiras décadas do século XX, o feminismo no Brasil contou com um grande número de mulheres, que na busca de se inserirem na modernização do novo papel do ser mulher, incluíram um conjunto de atividades, entre as quais os cuidados com as crianças e mães das camadas populares. Em Curitiba, em 1933 foi criado o Centro Paranaense Feminino de Cultura (CPFC), cujo objetivo era atualização o perfil da mulher moderna bem como desenvolver programas sociais diversos, entre os quais o atendimento aos necessitados. Este artigo tem por objetivo conhecer o trabalho das mulheres em Curitiba entre os anos de 1933-1940 e o alcance de suas atividades para as transformações sociais da cidade, com base no estudo da documentação existente na instituição.

Palavras-chave: Curitiba. Mulheres. Centro Paranaense Feminino de Cultura. Trabalho social.

ABSTRACT

In the first decades of 20 th century the feminine century, feminism in Brazil counted on a large number of women, who, in the search to insert themselves in the modernization of the new role of being a woman, included a set of activities, including the care of children and mothers of popular layers. In Curitiba, in 1933, the Centro Paranaense Feminino de Cultura (CPFC), was created, whose objective was to update the profile of modern women as well as to develop diverse social programs, among which the assistance to the needy. This article aims to understand the work of women in Curitiba between the years 1933-1940 and the scope of their activities for the social transformations of the city, based on the study of the existing documentation at the institution.

Keywords: Curitiba. Women. Paranaense Feminine Center of Culture. Social work.

¹ Mestre em História do Brasil (UFPR), Doutora em História (UFPR), Coordenadora do NDP (Núcleo de Docentes e Pesquisadores), docente no Curso de Pedagogia da Faculdade UNINA PR. Email: wilma.bueno@unina.edu.br

Introdução

A *economia do cuidado (care)* vem sendo um conceito para se repensar as sociedades atuais no sentido de se despertar para o envelhecimento da população mundial e o consequente aumento do número de idosos. Na análise dos estudiosos, sobre as tendências para as próximas décadas, as cidades serão constituídas por uma população formada, em sua maioria, por idosos. Particularmente no Brasil, a questão da *economia do cuidado* constitui-se um desafio uma vez que, tradicionalmente, as mulheres, que se ocupavam desta tarefa, hoje não dispõem de tempo, como outrora, uma vez que constituem uma significativa parte da mão-de-obra no mercado de trabalho, sem condições de exercer suas antigas funções nas mesmas proporções:

Atualmente, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o país conta com um número de 23 milhões de pessoas acima de 60 anos (12% de sua população) (...) espera-se que, em 2050, a população com idade de 60 anos atinja 68,1 milhões, o que representa a triplicação do contingente de idosos entre 2010 e 2050 (CAMARANO, 2014 apud PASSOS; GUEDES, 2017, p. 85).

Nas próximas décadas, o normal será ter um considerável público com os cabelos grisalhos, locomovendo-se com o uso de bengalas, disponibilidades de cadeiras adaptadas às necessidades múltiplas, entre outras novidades que a indústria e as novas tecnologias produzirão para atender a este público em espaços que ainda estão para acontecer. Não só em relação aos idosos, mas também a oferta de serviços às pessoas com deficiências terá que estar entre as prioridades dos que se ocupam da administração dos espaços urbanos. Um dos outros grandes desafios mundiais constitui-se reverter o quadro de vulnerabilidade social, presente entre os diferentes povos, impondo-se uma profunda tomada de posição política para assegurar as condições básicas às pessoas e aos grupos que vêm sendo excluídos da vivência sociocultural em busca da dignidade e respeito. Neste sentido, propostas para um mundo mais humano vêm entusiasmando lideranças comprometidas por uma sociedade mais justa e igualitária. No quadro dessas exigências, novas profissões vêm se configurando, sendo que outras virão, regulamentando-se novos desempenhos ou recuperando-se os antigos, com base nas necessidades de profissionais com competência, habilidades e uso das tecnologias no atendimento das pessoas e de grupos com tais especificidades.

Sobre *o cuidar dos outros*, ainda nos dias atuais, as mulheres constituem-se a maioria das pessoas que desempenham os trabalhos como cuidadoras, babás, enfermeiras, assistente social entre outras profissões. Como ocorreu com a feminização² do magistério no exercício da do-

² Jane Soares Almeida, estudiosa da Educação, nos oferece uma análise preciosa de como se deu a feminização do magistério e quanto está implícito a ausência de reconhecimento do exercício desta atividade e como este quadro colaborou para a desvalorização salarial e o abandono da profissão pelo público que entende não ser um campo financeiramente rendável.

cência, particularmente na Educação Infantil e Ensino Fundamental, as mulheres ocupam, hoje, igualmente, da função de cuidar dos idosos, doentes, órfãos, crianças e pessoas com deficiências.

Historicamente, a tarefa *do cuidar* foi concebida como pertencente à esfera feminina, como se a mulher, independente da diversidade que caracteriza este público, nascesse predisposta para tal trabalho. Esta função naturalizou-se ao longo da história da humanidade, não só no Brasil como entre outros países, em diferentes períodos, e permaneceu até nossos dias atuais, ainda que, atualmente, constate-se um lento e escasso ingresso de homens no exercício das profissões, tradicionalmente femininas, o que contribui para a desconstrução dos papéis e da antiga divisão sexual do trabalho. Considera-se que as pesquisas apontam para o problema das políticas públicas, particularmente no Brasil, acusando-se a ausência de propostas para a urgência deste problema social que cresce a cada dia, uma vez que, com a entrada das mulheres no mercado de trabalho para além da casa, ocorreu a queda da taxa de natalidade (o que contribuiu para diminuir a tensão feminina na duplicidade de seu papel); mas aumentou a expectativa em relação ao tempo de vida dos idosos, atualmente com a estimativa em 75,44 anos. Este quadro trouxe o agravamento social em relação à tarefa dos cuidados, uma vez que, embora tramite no Congresso Nacional um projeto de lei que visa instituir a Política Nacional de Cuidados (Projeto de Lei n. 2.099/2015), ele ainda não se concretizou.³

Se olharmos para o passado das sociedades ocidentais, encontraremos inúmeros exemplos que fortaleceram os papéis de naturalização das funções femininas: o nascimento das sociedades modernas revelou que o trabalho com os pobres, doentes, órfãos era compartilhado pelas religiosas que se aventuravam no espaço público no atendimento aos excluídos. São Vicente de Paulo (1581-1660) dedicou sua vida às obras de caridade, mas foi acompanhado pela fundação das Vicentinas ou Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, em 1633, por Luisa de Marillac

³ A pesquisa sobre o ato de cuidar (care) aponta para o crescimento desse impasse que se vincula principalmente em relação à inserção da mulher no mercado de trabalho e a ausência de políticas públicas de atendimento aos idosos de maneira geral. Para os estudiosos trata-se de estabelecer um diálogo entre família, estado e mercado e conferir estratégias para suprir esta tarefa, historicamente realizada pelas mulheres, mas que na atualidade torna-se impossível ser cumprida, acarretando um sobrepeso aos desafios que ainda pesam sobre as funções femininas: “O que se percebe com isso é que a queda da taxa de fecundidade, o envelhecimento populacional e a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho são três movimentos que afetam a provisão de cuidados. Enquanto o primeiro conduz a um relaxamento do conflito da oferta de cuidados, os outros tornam emergente a crise de cuidados da modernidade, tendo em vista que há uma tendência de ampliação da demanda de cuidados na medida em que a oferta (disponibilidade de mulheres) for reduzindo. Segundo Camarano e Kanso (2010), as mudanças no perfil familiar e a elevação da participação das mulheres no mercado de trabalho terão efeitos na mitigação acentuada na oferta de cuidadores familiares, em um momento em que se projeta uma elevação de 30% a 50% (entre 2010 e 2020) na quantidade de idosos brasileiros que necessitarão de cuidados prolongados. A crise de cuidados, nesse sentido, tem suas raízes no movimento desequilibrado entre oferta e demanda. Se a necessidade de cuidados era acentuada há cinco décadas devido à quantidade de crianças, na modernidade essa questão se apresenta em virtude da sobreposição do contingente de idosos ao de crianças. Contudo, sem contar agora, como outrora, com a disponibilidade exclusiva das mulheres para o cuidado” (CAMARANO; KANSO, 2010, apud PASSOS; GUEDES, 2017, p. 86).

(1591-1660) com a finalidade de atender aos necessitados em sua diversidade: pobres, doentes, crianças abandonadas, idosos, mulheres marginalizadas. Essas religiosas se distinguiram com sendo as primeiras que se dedicaram ao apostolado, circulando no espaço público, pois até então as freiras permaneciam na clausura.

Não se pode negar que, ao longo dos séculos, esta concepção do cuidar também conviveu com a rebeldia das mulheres que negavam a suposta naturalização das funções femininas e lideravam movimentos políticos, por exemplo, pela igualdade de direitos. Citando-se apenas alguns nomes, Mary Wollstonecraft (1759-1797) no Reino Unido e Olympe de Gouges na França (1748-1793). Nesse sentido, o movimento feminista também conviveu com seus impasses e contradições em relação aos papéis reservados socialmente às mulheres. Na rebeldia deste movimento nas décadas de 1960/1970, quando as mulheres queimaram os espartilhos em praças, a proposta das primeiras participações femininas nas universidades, contava com aulas de trabalhos manuais, lições de puericultura, conferências sobre o aborto entre outras temáticas que denunciavam a hegemonia do patriarcado em vários setores da vida em sociedade:

As mulheres autônomas organizaram em 1974 a primeira universidade feminina, que atraiu 10.000 mulheres para Berlim. Na verdade não era bem uma universidade, mas sim uma espécie de bazar, um grande bazar com todas as coisas possíveis: pequenos grupos de trabalho se concentravam em temas teóricos, magia e tarô, tricô e crochê, discussão de livros e de assuntos ligados à mulher, como o papel da mãe, heterossexualismo como componente imposto, a violência entre mulheres ou o sadomasoquismo. No nível mais elevado, o da discussão teórica, a grande questão era investigar o caráter androcentrista da ciência (HAUG, 1999, p.46).

No enfrentamento deste processo, foi longo o percurso para o ingresso das mulheres nos ambientes acadêmicos, bem como a equidade no reconhecimento de agentes produtoras de saberes e membros ativos das pesquisas científicas, nas mais diversas áreas do conhecimento, cujos respingos também se fazem presentes nos dias atuais, constatando-se a expressividade feminina em vários campos da ciência, algumas sem a devida consideração. No entanto, ao longo das décadas, as pesquisas acadêmicas e a divulgação das novas abordagens relacionadas aos estudos de gênero contribuíram para desnaturalizar antigas concepções, revelando que a tarefa do cuidar, seja das crianças, dos idosos, dos enfermos ou dos pobres independe da sexualidade, demonstrando que a competência do exercício deste trabalho está relacionada à profissionalização e à aquisição dos conhecimentos e habilidades fundamentais para seu efetivo desempenho.

Este trabalho pretende investigar as atividades realizadas pelas mulheres na cidade de Curitiba com a fundação do Centro Paranaense Feminino de Cultura em 1933, no sentido de contribuir para elucidar o momento histórico vivido por este público no âmbito das mudanças trazidas pelo movimento feminista ou pela revolução das mulheres no desempenho da tarefa do

cuidar do outro, efetivada com a criação do Primeiro Posto de Puericultura no Paraná (1940), no contexto de modernização do estado do Paraná. Como afirma a escritora Lygia Fagundes Telles:

A revolução da mulher foi a mais importante revolução do século XX, disse Norberto Bobbio (...). Houve, sem dúvida, uma explosão de narcisismo tumultuando as ideias no natural ressentimento das mulheres se confundindo nos exageros, toda a revolução é mesmo exagerada. (...) No seu planejamento e estrutura seria uma revolução mais prudente e mais paciente, obscura, talvez. Contudo, ambiciosa em sua natureza mais profunda e que teria seu nascedouro visível no fim do século passado para vir a desenvolver-se plenamente durante a Segunda Guerra: os homens válidos partiram para as trincheiras. Ficaram as mulheres na retaguarda e dispostas a exercerem o ofício desses homens nas fábricas (TELLES, 1997, p. 669).

Torna-se interessante retomar este contexto, talvez suficientemente conhecido pelos estudiosos feministas, mas indispensável para se pensar o trabalho das mulheres na cidade de Curitiba, nas primeiras décadas do século XX, momento em que, no Brasil, destacaram-se personagens significativas para história deste movimento. Para tomarmos algumas lideranças da época vale citar Bertha Lutz (1894-1976), fundadora da FBPF (Federação Brasileira para o Progresso Feminino),⁴ eleita deputada federal no Brasil em 1936 que, entre várias atividades, defendeu a elaboração do Estatuto da Mulher, documento este que buscava garantir “a todas as mulheres, independente do estado civil, a liberdade de dedicar-se a qualquer profissão ou atividade econômica de sua escolha, inclusive a discriminação na admissão ou demissão devida a casamento ou gravidez” (BESSE, 1999, p. 190).⁵

No devir, a criação do Estado Novo e a Constituição 1937 contribuíram para o recuo dessas pretensões, além de que entre as mulheres, à frente do movimento, existiam posições diversas, por exemplo: as pertencentes às camadas privilegiadas situavam-se no comando das atividades; mas as mulheres comuns, as pobres e as que se ocupavam das tarefas ordinárias não participavam deste quadro, até mesmo porque para o exercício das atividades públicas, as feministas precisavam das outras e as remuneravam com péssimos salários. Mas é pontual que no programa

⁴ O feminismo da FBPF conviveu com outras vertentes, por exemplo, da anarquista Maria Lacerda de Moura (1887-1945) que, apesar de participar do com Bertha Lutz do movimento feminista, passou a discordar e atacá-lo quando percebeu sua elitização; Patrícia Galvão (1910-1962) que participou ativamente da vida do proletariado feminino, denunciando a moralidade burguesa e também a moralidade católica que evidenciavam suas marcas nas lutas pela igualdade das mulheres; e as feministas católicas que viam com reservas as conquistas femininas e defendiam a “reconstrução da moral cristã (...) sem Deus, Pátria, Honra e Família não há feminismo possível” (O NOSSO CENTENÁRIO, apud BESSE, 1999, p. 203-204)

⁵ Com a criação do Estado Novo (1937-1945) por Getúlio Vargas estas propostas foram abandonadas desmoronando o movimento feminista no Brasil em suas propostas e ações.

da FBPM pairava a concepção de que:

O lar é a base da sociedade e a mulher estará sempre integrada ao lar. Mas o lar já não cabe mais no espaço de quatro muros. Lar também são as escolas, as fábricas, a oficina. Lar é principalmente o parlamento onde se elaboram as leis que regem a família e a sociedade humana'. Estas afirmações rejeitavam implicitamente o papel de esposa e de mãe como fonte adequada de autorrealização, status social e segurança econômica, sem, porém, atacar diretamente às famílias, ou às mulheres que estavam satisfeitas com sua identidade doméstica (BESSE, 1999, p. 196-197).

O movimento feminista, em sua diversidade, atingiu as capitais brasileiras, entre as quais Curitiba, cidade onde a atuação das mulheres construiu propósitos próprios em sintonia com as discussões que calorosamente motivavam às representantes das camadas privilegiadas que se viam na obrigação de ocupar as frentes da modernização do seu papel, uma vez que a voz do progresso exigia delas a participação social, porém, sem romper, efetivamente, com suas tradicionais funções do *ser mulher*.

1. O trabalho das mulheres no Centro Paranaense Feminino de Cultura

Na cidade de Curitiba, o movimento das mulheres amparou-se tanto nas ideias e discursos de suas lideranças nacionais, como também conviveu com escritoras que marcaram o movimento feminista e literário paranaense. Entre essas mulheres, cita-se Mariana Coelho (1857-1954) portuguesa, mas naturalizada no Brasil, residiu com sua família em Curitiba, participou intensamente do ambiente intelectual da cidade e escreveu a obra: "A evolução do feminismo: subsídios para sua história" (2002). Sua obra tornou-se, e ainda é uma referência fundamental, tal como o título indica, para se conhecer a história do feminismo e as conquistas dos direitos das mulheres.

No tempo escolhido para delimitar esta pesquisa (1933-1940), a cidade de Curitiba ingressava no ritmo da modernização e, sob o governo de Manuel Ribas, nomeado como interventor por Getúlio Vargas de 1932 a 1935 e eleito pela Assembleia Legislativa para o período de 1935 a 1937, prolongando seu governo até 1945, o Paraná ganhou um novo impulso na construção de estradas, nas melhorias do Porto de Paranaguá, na criação de grupos escolares e na oferta de cursos aos professores. Neste Governo, foi criado em 1933, em Curitiba, o Centro Paranaense Feminino de Cultura (CPFC) por mulheres procedentes das famílias tradicionais da cidade que aspiravam incorporar as conquistas alcançadas pelo movimento feminista.

Neste sentido, integravam o referido Centro, mulheres com talentos intelectuais que se dedicavam à escrita de poesias, bem como a organização de palestras sobre temas palpitantes para a época como: o divórcio, a realização profissional da mulher, o ingresso na universidade e sua autonomia financeira. Entre as escritoras estavam, médicas, professoras, advogadas, como

Ilnah Secundido e a poeta Ada Maccagi que se tornaram autoras de artigos e obras que circulavam nos jornais da cidade, bem como nos recitais urbanos e nas conferências que se promoviam como parte das organizações culturais que movimentavam as programações de Curitiba. O Centro Paranaense Feminino de Cultura se fazia representar nos eventos políticos por suas lideranças, sendo que, ao lado das autoridades, suas representantes ostentavam a expressão do *ser mulher* na modernização do Estado, encontrando, na fundação do Centro, um espaço para a ampliação de seus talentos intelectuais e também realização de atividades em outras esferas sociais. Sobre o *ser mulher* neste tempo de modernização, afirmava Mariana Coelho:

Os mais convictos feministas crêem que as mulheres preparadas moral e intelectualmente não de usar dos seus direitos igualitários com uma solicitude mais humanitária e de mais práticos resultados do que muitos homens. Elas empenham-se pelo melhoramento das operárias, pela sorte da criança, pela extinção da escravatura branca, pela regulamentação da cinematografia, pela melhoria da situação moral e material das libertadas dos cárceres e, finalmente, aos fracos e desprotegidos – e tendo por principal escopo, no seu vasto programa de saneamento moral e social, a puericultura, a proteção a menores contra os atestados à moral, contra a corrupção, amparo das viúvas, à invalidez; fundam-se caixas de seguro maternais, seguros e mutualidades de toda a ordem (COELHO, 2002, p. 35).

A integração e o apoio das autoridades masculinas às atividades do Centro eram frequentes: médicos, historiadores, professores, escritores, artistas eram convidados para as atividades culturais programadas pelas associadas às pessoas interessadas. De forma semelhante, nas atividades políticas de predominância masculina, o discurso feminino era de assegurar que elas não iriam interferir nos cargos tradicionalmente desempenhados pelos homens, mas sim ocupar-se das funções que se caracterizavam por apaziguar os males sociais como, atender os dependentes do alcoolismo, às crianças abandonadas, às mães pobres e ministrar os ensinamentos no campo da Puericultura. Conforme Max Nordaux (1849-1923), citado por Mariana Coelho (1999),⁶ o conceito da participação das mulheres nos espaços públicos era o de humanização da sociedade, papel que lhes era reservado não obstante as conquistas políticas que se arvoravam ao encontro dos seus interesses. Ou seja, seria estender o papel tradicionalmente entendido como sendo da mulher à sociedade em geral:

A moralidade social é inteiramente feita da mulher, que é ela que a desenvolve, que é a sua guarda. Além de tudo as feministas, nas suas aspirações, não pensam, absolutamente, no absurdo de suplantar o sexo masculino; elas querem, pelo con-

⁶ A primeira edição da obra de Mariana Coelho ocorreu no ano de 1933.

trário, a igualdade sexual para melhor provarem as qualidades de uma da mais condigna companheira nos grandes surtos morais e sociais que devem transformar o mundo (...) o salutar programa das feministas, através de cujo prisma elas encaram com dedicação a reconstrução moral da sociedade, é, realmente, a moderna ciência da Eugenia, posta em ação para conseguir a sublime cura de todas as chagas que atingem a alma humana (COELHO, 2002, p. 35).

A pesquisa junto às fontes do Centro Paranaense Feminino de Cultura permite adentrar vários campos ocupados por suas integrantes com o propósito de corresponder ao novo perfil apontado pela modernização do papel da mulher, entre os quais, destacavam-se: a fundação de uma biblioteca dedicada às escritoras paranaenses, o papel das intelectuais nos jornais de circulação urbana, a escrita de obras que marcaram as trajetórias das escritoras, bem como a filantropia no atendimento aos pobres, crianças e mães. Neste sentido, a missão de *cuidar do outro* foi ocupando um lugar de destaque entre as atividades realizadas pelas mulheres do Centro Paranaense Feminino de Cultura. Consultando o Livro de Ouro⁷ da referida instituição (1933-1940) constata-se que as associadas mantinham um intenso programa cultural de palestras, exposição artísticas, aulas de inglês, francês, alemão, cursos de corte e costuras, com sessão de entrega de certificados, aprofundamento de temas da história e geografia, torneios literários, lançamento de livros, realização de recitais, reuniões de diretorias, exercícios de ginástica, campeonatos de jogos de *bridge*, realização de viagens e excursões, bem como o costume da época: organização de frequentes piqueniques. A preocupação com o *cuidar do outro* de acordo com as concepções feministas, segundo os conceitos de Mariana Coelho (1999), começam a aparecer nos registros dos documentos do CPFC, a partir da organização de conferências de médicos e médicas às pessoas interessadas:

Hoje, às 15 horas, na sede do Centro Paranaense Feminino de Cultura (Edifício da Associação Comercial) o ilustrado médico conterrâneo Dr. Mario Gomes realizará a sua segunda conferência sobre assumptos de Puericultura. Todas as pessoas que ouviram a primeira destas palestras, realizada no sábado passado, manifestam a sua magnífica impressão não só pelos assumptos, esplendidamente tratados e explicados pelo conferencista como também pelas demonstrações políticas interessantíssimas que o mesmo faz ajudado por uma enfermeira (Livro de Ouro do C.P.F.C. 1933-1947, p. 05).

⁷ O Livro de Ouro do Centro Paranaense Feminino de Cultura reúne um conjunto de documentos, entre fotografias, notícias de jornais, artigos de revistas, programações, entre outros registros culturais relacionados à história da Instituição. Na época da realização da primeira pesquisa, em 2003, o levantamento documental correspondeu ao período entre 1933 e 1947. Na presente pesquisa o estudo se delimitou da data da fundação ao ano de criação do Primeiro Posto de Puericultura no Paraná (1933-1940).

A prática do atendimento ao outro foi se revelando ao longo do estudo da documentação em relação às necessidades sociais:

O Centro Paranaense Feminino de Cultura surgiu, lutou e conseguiu viver, mas com que dificuldade! Obscuro, desconhecido de quase todos, abandonado da mulher paranaense que ele quer elevar, os passos são curtos e o caminho a percorrer sem fim. O que poderia fazer? O que ele quereria realizar? Mas como? Se os recursos faltam? (...) Ele forjou o sonho futuro e viu, no azulado do tempo, a ampliação da sua obra, na sua parte social. Viu a mão da mulher culta estendida à mulher miserável. Viu almas carinhosas procurarem os meninos pobres e abandonados, dando-lhes teto e abrigo (Livro de Ouro do C.P.F.C. 1933-1947, p. 06).

No mês de janeiro de 1938 os documentos registram que entre as várias comissões de trabalhos desempenhadas pelas associadas constava a de Assistente Social ocupado por duas representantes; em março do ano seguinte os documentos informam: “Conforme já foi divulgado, tomará posse na sessão de amanhã a Dra. Clara Glasser Villa que irá fazer parte do corpo docente do Centro Paranaense Feminino de Cultura, no Curso de Puericultura e Higiene” (Livro de Ouro do C.P.F.C. 1933-1947, p. 08). A médica passou a ser a conferencista sobre o tema,⁸ constituindo-se um curso frequentado por um público interessado, desenvolvendo-se um amplo programa de assistência social e também passou a ser uma referência para a criação do Primeiro Posto de Puericultura, uma vez que, a partir do curso de Puericultura, Curitiba iria dispor de pessoas habilitadas para o exercício das funções, depois da realização dos exames para tal trabalho: “(...) Um grupo de 18 enfermeiras, recentemente formadas por aquele Centro dirigidas pela Dra. Clara Glasser Villa, oferecerão graciosamente seus serviços aos Postos de Puericultura, assim que os mesmos sejam instalados”. (Livro de Ouro do C.P.F.C. 1933-1947, p. 10).

Na continuidade da realização das atividades, com o objetivo da construção do Posto de Puericultura, as associadas comemoraram o aniversário da fundação do Centro com um grande evento social, artístico e cultural, com a presença de autoridades políticas e intelectuais dos vários setores, entre as quais o governador Manuel Ribas:

O Centro Paranaense Feminino de Cultura (...) incumbiu-se de algo que está trazendo a cidade em polvorosa. Trata-se da esplendida noitada de arte que levar a efeito no Teatro Palácio, na data mencionada e que se assemelhará a ‘Joujoux e Balangandans’ no Rio e ‘Uma noite de Ópera em São Paulo’. O espetáculo se denomina Nheengaçu [Nheengatu], ou seja, ‘Conversa Fiada’. Dele constarão bailados e a representação de peças de autoria de intelectuais exclusivamente paranaenses, como o serão as músicas a serem executadas. (...) O Centro vai aplicar os

⁸ “A dentição e a chupeta” foi o tema de uma das palestras do médico convidado Dr. Raul Carneiro.

lucros na instalação de um posto de puericultura, o que trará grandes benefícios à sociedade local, pelos serviços que o posto passará a prestar às famílias curitibanas (Livro de Ouro do C.P.F.C. 1933-1947, p.10).

Efetivamente, a instalação do Posto de Puericultura D. Darcy Vargas, em homenagem à esposa do Presidente Getúlio Vargas, ocorreu no dia 04 de maio de 1940, com aos lucros obtidos das iniciativas das associadas, com a presença e incentivos das autoridades, com a entrega dos certificados às enfermeiras, sendo considerada uma grande conquista do Centro Paranaense Feminino de Cultura. No discurso da instalação do Posto a Dra. Clara Glasser Villa evidenciou aspectos fundamentais para a missão da mulher no contexto da sociedade da época:

O Centro Paranaense Feminino de Cultura entrega hoje ao povo do nosso Estado o Posto de Higiene Infantil e Maternal Darci Vargas, após uma série de trabalhos, de entraves que constituem sempre o cenário comum nas grandes iniciativas de ordem particular. É a caridade que parte de um grupo de corações juvenis que palpitam uníssonos pelo bem-estar da criança: é o grito duma mentalidade nova, capaz de se interessar por esses problemas relevantes; é a noção de solidariedade e apoio ao menos protegido, ao mais fraco! O Posto de Higiene Infantil e Maternal terá por funções assistir à criança, mas também assistirá à mãe, afastando do seu cérebro os reflexos de ignorância e substituindo-os por reflexos de Puericultura. Nós os médicos não cansamos de dizer que a ignorância materna em primeiro lugar, a da população em segundo lugar, constituem a arma proporcionada da doença e da mortalidade infantil. Ignorância e superstição, aquilo que bem poderíamos chamar a ciência das comadres e 'sabichosos' são barreiras que tanto dificultam a atuação do higienista. (Livro de Ouro do C.P.F.C. 1933-1947, p. 10).

O longo discurso da Dra. Clara ainda evidenciava que as medidas de prevenção e de profilaxia dependeriam não apenas dos esforços dos médicos, das autoridades e das associadas do Centro como também da conscientização de toda a população, no sentido de se observarem os cuidados indispensáveis para assegurar a infância saudável e o atendimento às famílias, de maneira geral, as quais não tinham os conhecimentos necessários para tais propósitos: “Porém esta obra gigantesca não pode depender somente da agilidade profissional. É preciso que contemos com o apoio das autoridades oficiais e com o estímulo da sociedade paranaense para que, na congregação de todos os esforços, seja a nossa obra coroada de bom êxito” (Livro de Ouro do C.P.F.C. 1933-1947, p. 12).

Consultas às fontes revelam que as associadas se mantiveram firmes no intuito de atender às crianças e às mães pobres, informando-lhes sobre as regras de eugenia e de cuidados infantis no sentido de prevenir as doenças que eram comuns na época e que muitas delas poderiam ser evitadas com o conhecimento das práticas da higiene. Registra-se também que o Centro manteve um programa constante de distribuição de roupas às crianças pobres. Verifica-se ainda, que em

1940, a criação dos Postos de Puericultura ampliou-se com a correspondente instalação nos bairros operários de Curitiba.

Considerações finais

A recuperação da história das mulheres vem revelando uma diversidade de perfis entre as integrantes deste público, sendo difícil conceber um conceito padrão para o ser mulher no contexto das modernizações das cidades no período delimitado (1933-1940). Observa-se como afirma Joan Scott:

A categoria de gênero, usada primeiro para analisar as diferenças entre os sexos, foi estendida à questão das diferenças dentro da diferença. A política de identidade dos anos 80 trouxe à tona alegações múltiplas que desafiaram o significado unitário da categoria 'das mulheres'. Na verdade, o termo 'mulheres' dificilmente poderia ser usado sem modificações: mulheres de cor, mulheres judias, mulheres lésbicas, mulheres trabalhadoras pobres, mães solteiras, foram apenas algumas das categorias introduzidas. Todas desafiavam a hegemonia heterossexual da classe média branca do termo 'mulheres', argumentando que as experiências tornaram impossível reivindicar uma identidade isolada. (...) A questão das diferenças dentro da diferença trouxe à tona um debate sobre o modo e a conveniência de se articular gênero como uma categoria de análise (SCOTT, 1992, 87-88).

Nos estudos realizados, torna-se evidente o entusiasmo das mulheres de Curitiba, representantes das tradicionais famílias da cidade, suas relações com as mudanças que ocorriam no mundo e no País, seu ativismo para ascender à participação da vida urbana em setores diversos, no sentido de incorporar as novidades do *ser mulher* em Curitiba dos anos 1930. Em que pese o grande número de jovens e senhoras das antigas famílias curitibanas, outras mulheres, ou as representantes das pessoas comuns, também se faziam representar nas atividades realizadas pelo CPFC, seja como alunas dos diversos cursos (corte e costura, datilografia, como exemplos) seja como escritoras que demonstravam talento na arte da escrita o que superava as classificações sociais convencionais. Assim, percebe-se que não obstante o discurso feminista nos moldes clássicos, as atividades do CPFC proporcionavam experiências diversas de integração social, o que pode ser um tema para pesquisas posteriores.

No contexto estudado, a tarefa de cuidar dos necessitados foi sendo enaltecida, compreendendo um conjunto de iniciativas em favor dos programas sociais para proteção da infância e atendimento às mães pobres. Essa inserção se fez a partir dos estudos no campo da medicina, por meio das conferências de médicos e médicas que evidenciavam a importância de se abandonar antigas práticas e adotar critérios com base nos estudos científicos para assegurar uma infância saudável. Esse movimento das mulheres foi significativo em Curitiba, como também em outras cidades, citando-se ainda a criação da Legião Brasileira de Assistência (LBA) por Darcy Vargas

que constituído por voluntárias, expandiu o atendimento às pessoas necessitadas.

Diante dos desafios dos tempos atuais, na ausência de efetivas leis e práticas de uma *política nacional de cuidados*, o registro das experiências femininas no passado pode inspirar outras iniciativas para nossos dias. Vale sublinhar que em Curitiba dos anos de 1930 o discurso médico convocava a sociedade de maneira geral para unir as ações no combate às doenças, chamando a atenção das autoridades e dos curitibanos que a eficiência do resultado seria possível se houvesse o empenho de todos. Fugindo dos anacronismos, o apelo das autoridades médicas no passado assemelha-se à realidade vivenciada pelas sociedades em tempo de pandemia provocada pela Covid 19. Ou seja, sem o esforço conjunto da sociedade como um todo, ficará difícil encontrar o êxito no combate às doenças.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares: *Mulher e educação: paixão pelo possível*. 401 páginas Tese de (Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1996. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo5/477.pdf> > Acesso em : 05 dez 2020.

BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil 1914-1940*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BUENO, Wilma de Lara. *Mulheres escritoras no Paraná dos anos 30*. Semana Científica UTP. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0510.pdf> Acesso em: 05 dez 2020.

BUENO, Wilma de Lara. *A literatura e a formação da identidade feminina no Paraná dos anos 30*. II Congresso Brasileiro da História da Educação. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 2004. Disponível em: www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo6/414.pdf Acesso em: 05 dez 2020.

BUENO, Wilma de Lara. *Um estudo sobre a produção literária das poetisas paranaenses entre 1930-1947*. 150 ANOS DE HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA: ANAIS DO VIII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2004, p. 848-855.

BUENO, Wilma de Lara. *Mulheres e religiosidade na Idade Moderna*. XXIII SIMPOSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Londrina, 2005. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/28-snh23> > Acesso em: 04 dez 2020.

BUENO, Wilma de Lara. Educação das moças na cidade de Curitiba: 1930-1947. In: VECHIA, Ariclê; CAVAZOTTI, Maria Auxiliadora (org.). *A escola secundária: modelos e planos*, Brasil, séculos XIX e XX. São Paulo: Annablume, 2003, p. 205-219.

CENTRO PARANAENSE FEMININO DE CULTURA. *Livro de Ouro*. Curitiba, 1933-1947.

COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para sua história*. Paraná: Imprensa Oficial, 2002.

HAUG, Frigga. O novo movimento feminista. In: GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (orgs.). *Rebeldes e conquistadores: 1968, Brasil, França e Alemanha*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 43-51.

PASSOS, Luana; GUEDES, Dyeggo Rocha. *Participação feminina no mercado de trabalho e a crise dos cuidados na modernidade: conexões diversas*. Planejamento e Políticas Públicas (PPP), n. 50, jan-jun 2018, p. 1-28. Disponível em: < http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8502/1/ppp_n50_participa%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 08 nov 2020.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 63-65.

TELLES, Lygia Fagundes. Mulher, mulheres. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla (orgs.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 669-678.

TRINDADE, Etelvina. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na primeira república*. Curitiba: Farol do Saber, 1996.

Artigo Recebido: 30/10/2020

Aprovado em: 25/11/2020

Publicação: Dezembro de 2020